

A Geografia na Contemporaneidade

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Geografia na Contemporaneidade

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-018-6

DOI 10.22533/at.ed.186182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia econômica. 3. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia Sócioambiental”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia física engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia física, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, agroecologia, hidrografia e território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia física. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

GEOGRAFIA SÓCIOAMBIENTAL

CAPÍTULO 1	1
OS DESAFIOS DA GESTÃO MUNICIPAL DE PARAÍBA DO SUL/RJ QUANTO AO DESTINO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS	
Gislaini Souza Magdalena Paravidino Vicente Paulo dos Santos Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.1861821121	
CAPÍTULO 2	14
A AGROECOLOGIA COMO RESISTÊNCIA CAMPONESA	
Emerson Ferreira da Silva Julie Mathilda Semiguem Pavinato Rafael Lucas Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1861821122	
CAPÍTULO 3	26
A AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA DO SABER	
Elder Quiuqui Crislândia Reis Brito Gilmário Almeida Valéria Pancieri Sallin Edson Rocha Santos Adão das Neves Pereira Fábio Júnior Braz dos Santos Eni Silva Santiago Celso Luiz Borges de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1861821123	
CAPÍTULO 4	35
A PERSPECTIVA INTEGRACIONISTA DA ESCOLA LATINO AMERICANA DE AGROECOLOGIA	
Andréa Marcia Legnani Fernando José Martins	
DOI 10.22533/at.ed.1861821124	
CAPÍTULO 5	48
AS JORNADAS DE AGROECOLOGIA DA BAHIA COMO ESPAÇO DE ARTICULAÇÕES E RESISTÊNCIAS: UMA ANÁLISE DA QUINTA EDIÇÃO	
Anderson Souza Viana Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.1861821125	
CAPÍTULO 6	59
PATRIMÔNIO CULTURAL E NOVAS RELAÇÕES DE GÊNERO: A AGROECOLOGIA E VISIBILIDADE DO TRABALHO FEMININO	
Adilson Tadeu Basquerote Silva Eduardo Pimentel Menezes Rosemy Da Silva Nascimento Morgana Scheller	
DOI 10.22533/at.ed.1861821126	

CAPÍTULO 7 73

CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES AGROINDUSTRIAIS EM ASSENTAMENTOS RURAIS VINCULADOS À ASSOCIAÇÃO DANDO AS MÃOS NO ESTADO DE MATO GROSSO

[Monalisa Janaya Castelo da Silva Vasconcelos](#)

[Djalma Adão Barbosa Júnior](#)

[José Adolfo Iriam Sturza](#)

DOI 10.22533/at.ed.1861821127

CAPÍTULO 8 88

OS TERRITÓRIOS MORAIS DE AGRODIESEL: A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES SUBALTERNAS NO SEMIÁRIDO BAIANO*

[Maya Manzi](#)

DOI 10.22533/at.ed.1861821128

CAPÍTULO 9 99

O DISCURSO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: ALTERNATIVA À CRISE ESTRUTURAL?

[Carlos Marcelo Maciel Gomes](#)

DOI 10.22533/at.ed.1861821129

CAPÍTULO 10 113

AVALIAÇÃO E COMPARAÇÃO TEMPORAL DA QUALIDADE DA ÁGUA DA BACIA HIDROGRAFICA DO CORREGO SÃO MATEUS INFLUENCIADA PELO ATERRO SANITÁRIO SALVATERRA E PELO DISTRITO INDUSTRIAL PARK SUL

[César Henrique Barra Rocha](#)

[Sanderson dos Santos Romualdo](#)

[Hiago Fernandes Costa](#)

[Bruna Helena Coelho Pereira](#)

[Thiago Willian Lemos Fernandes](#)

[Leonardo Pimenta de Azevedo](#)

[Ana Carolina Nascimento Leão](#)

[Amanda de Sousa](#)

[Antoine Philippe Casquin](#)

DOI 10.22533/at.ed.18618211210

CAPÍTULO 11 130

OS FATORES NATURAIS, O USO, A CHUVA E A ENCHENTE NO RIO VERMELHO NA CIDADE DE GOIÁS-GO EM 2001.

[Adriana Aparecida Silva](#)

[Maria Gonçalves da Silva Barbalho](#)

DOI 10.22533/at.ed.18618211211

CAPÍTULO 12 140

GEOGRAFIA POLÍTICA DOS RECURSOS HÍDRICOS E REPRODUÇÃO CAPITALISTA: ALGUMAS NOTAS INICIAIS SOBRE A EXPANSÃO DOS HIDRONEGÓCIOS EM MATO GROSSO

[Ivan de Sousa Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.18618211212

CAPÍTULO 13	155
GEOGRAFIA(S) DA PRODUÇÃO DE COCO NO BRASIL: ESPAÇO E TEMPO, TÉCNICA E TERRITÓRIO	
Leandro Vieira Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.18618211213	
CAPÍTULO 14	171
MORFOMETRIA DE BACIAS HIDROGRÁFICAS E SUA RELAÇÃO COM USO DAS TERRAS: CASO DA BACIA DO RIO PARAIBUNA	
Marcos Cicarini Hott	
Ricardo Guimarães Andrade	
Walter Coelho Pereira de Magalhães Junior	
João Cesar de Resende	
Letícia D'Agosto Miguel Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.18618211214	
CAPÍTULO 15	182
LAGOS ARTIFICIAIS E POSSÍVEL INFLUÊNCIA NO CLIMA LOCAL E NO CLIMA URBANO: ESTUDO EM PRESIDENTE EPITÁCIO (SP)	
Marcos Barros de Souza	
Zilda de Fátima Mariano	
Emerson Galvani	
DOI 10.22533/at.ed.18618211215	
CAPÍTULO 16	190
PRODUÇÃO, PATRIMÔNIO E IDENTIFICAÇÃO TERRITORIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR: A AGROECOLOGIA E ALTERAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE OS SUJEITOS	
Adilson Tadeu Basquerote Silva	
Eduardo Pimentel Menezes	
Rosemy Da Silva Nascimento	
Morgana Scheller	
DOI 10.22533/at.ed.18618211216	
CAPÍTULO 17	204
PRÁTICAS DO COTIDIANO NAS ÁGUAS DE FRONTEIRA: PESCA, CONTRABANDO E COMIDA	
Paola Stefanutti	
Valdir Gregory	
DOI 10.22533/at.ed.18618211217	
CAPÍTULO 18	221
A ATUAÇÃO DOS VENTOS EM PALMAS, TO	
Liliane Flávia Guimarães da Silva	
Lucas Barbosa e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.18618211218	
CAPÍTULO 19	233
ANÁLISE DO USO E DA COBERTURA DA TERRA NO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS	
Camila de Moraes Gomes Tavares	
Ricardo Guimarães Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.18618211219	

CAPÍTULO 20	243
PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS NO TERRITÓRIO DA CIDADANIA SUL DO AMAPÁ	
Irenildo Costa da Silva	
Antônio Sérgio Monteiro Filocreão	
Roni Mayer Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.18618211220	
CAPÍTULO 21	257
PROPOSTA DE METODOLOGIA PARA INDICADOR DE QUALIDADE DE TEMPERATURA (iqT) E APLICAÇÃO EM CIDADES PARANAENSES	
Máriam Trierveiler Pereira	
Geórgia Pellegrina	
Odacir Antonio Zanatta	
Marcelino Luiz Gimenes	
Creir da Silva	
Shigetoshi Sugahara	
DOI 10.22533/at.ed.18618211221	
CAPÍTULO 22	269
ANÁLISE METODOLÓGICA E INTERPRETATIVA DE MAPEAMENTO DO RELEVO DE PELOTAS/RS	
Anderson Rodrigo Estevam da Silva	
Moisés Ortemar Rehbein	
DOI 10.22533/at.ed.18618211222	
CAPÍTULO 23	283
BANCO MUNDIAL, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE IRRIGAÇÃO NO NORDESTE DO BRASIL	
Gleydson Pinheiro Albano	
DOI 10.22533/at.ed.18618211223	
CAPÍTULO 24	296
CRÉDITO RURAL COOPERATIVO E DESENVOLVIMENTO LOCAL. ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS DO SUL (PR)	
Rosecleia Burei Presa	
Pedro Ivan Christoffoli	
DOI 10.22533/at.ed.18618211224	
CAPÍTULO 25	312
GEOTECNOLOGIAS: TÉCNICAS E APLICAÇÕES NA AGROPECUÁRIA	
Marcos Cicarini Hott	
Ricardo Guimarães Andrade	
Walter Coelho Pereira de Magalhães Junior	
DOI 10.22533/at.ed.18618211225	
CAPÍTULO 26	320
ANÁLISES HÍDRICA PARA ALGUMAS CULTURAS NA MICRORREGIÃO VÃO DO PARANÁ – GO	
Luiz Carlos Benicio de Brito	
Diego Simões Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.18618211226	
SOBRE A ORGANIZADORA	327

PRÁTICAS DO COTIDIANO NAS ÁGUAS DE FRONTEIRA: PESCA, CONTRABANDO E COMIDA

Paola Stefanutti

Instituto Federal do Paraná - IFPR

Foz do Iguaçu – PR

Valdir Gregory

Universidade Estadual do Oeste do Paraná -

UNIOESTE,

Marechal Cândido Rondon – PR

RESUMO: Este capítulo retrata práticas do cotidiano nas águas de fronteira em Foz do Iguaçu, a partir de narrativas de pescadores sobre a distinção entre o pescador de ontem e o de hoje, histórias sobre o contrabando nessas águas e relatos sobre a obtenção de alimentos na fronteira em tempos anteriores. O procedimento metodológico adotado busca interpretar dados obtidos através das narrativas, sendo considerada uma pesquisa oral temática, além de utilizar o método indiciário como forma de encontrar evidências nas narrativas. Foram realizadas nove entrevistas com pessoas envolvidas com a atividade pesqueira. Além das entrevistas, a pesquisa conta com bibliografia sobre diversos temas que surgiram no decorrer das análises. O olhar a essas fontes, personagens da história local, fará deste texto ser memórias e fonte. É dada importância às águas, cenário comum aos entrevistados e que faz parte do imaginário do Oeste do estado do Paraná. Colabora-se com discussões sobre

fronteiras, sob a perspectiva de quem as vivencia, não sendo algo distante, mas algo que faz parte do cotidiano, e está logo ali ou logo aqui. As discussões sobre o cotidiano de um território de fronteira nas águas, a partir de um grupo social e seus possíveis conflitos, sendo este uma das relações de trabalho típicas desta região são as contribuições deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: pescadores, alimentação, Foz do Iguaçu.

ABSTRACT: This chapter portrays the everyday practices in the border of Foz do Iguaçu, based on fishermen's narratives on the distinction between yesterday's and today's fishermen, stories about smuggling in these waters and reports about food obtainment in former times. The methodological procedure adopted seeks to interpret data obtained through the narratives, being considered an oral thematic research, in addition to using the index method as a way to find evidence in the narratives. Nine interviews were conducted with people involved in the fishing activity. In addition to the interviews, the research has a bibliography review on several themes that emerged during the analysis. The look at these sources, characters from the local history, will make this text be memories and source. Importance is given to waters, a common scenario for those interviewed and that is part of the imagery of the West of the state of

Paraná. It collaborates with discussions about borders, from the perspective of those who experience them, not being something distant, but rather part of the daily life. Discussions about the daily life of a border territory in the waters, from a social group and its possible conflicts, being this one of the typical working relations of this region are the contributions of this work.

KEYWORDS: fishermen, food, Foz do Iguaçu.

1 | INTRODUÇÃO

Nas discussões sobre estudos territoriais é fundamental o olhar aos indivíduos e grupos sociais que vivem nestes espaços. Esta pesquisa aborda uma zona territorial específica, a Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Do lado brasileiro, em Foz do Iguaçu se encontra o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Sociedade, Cultura e Fronteiras. As provocações deste Programa sobre os estudos na fronteira, tem gerado reflexões críticas sobre indivíduos e/ou grupos sociais na fronteira, alguns destes mais evidentes, outros menos. Dentre os grupos menos perceptíveis, opta-se pelos pescadores da região.

Os sujeitos desta pesquisa não são participantes da história majoritária, são sujeitos que vivem nas margens de rios e da sociedade e, aparentemente, nem pertencem à paisagem humana ali predominante. Vivem nas águas e das águas, e, nesse sentido, compartilha-se da visão de Martins (1997), que relata a história por quem normalmente não faz parte da história oficial, sendo negada pelo Estado, pela sociedade e, muitas vezes, pela própria academia. Abre-se um espaço de diálogo com os que usualmente estão fora do centro.

A expressão “atividade pesqueira” está frequentemente ligada a alguns elementos principais como os pescadores, os peixes, os comerciantes, os consumidores, os métodos de pesca, os materiais específicos da atividade, as embarcações, o período de defeso, o valor do pescado, o transporte, o armazenamento do produto. Enfim, são itens que fazem parte da cadeia produtiva do pescado. Olhando, porém, os principais pontos de atividade dessa cadeia produtiva e pensando onde se inicia a sua existência, tem-se um espaço específico: as águas — cenário, aliás, dividido por todos os pescadores e entrevistados desta pesquisa.

Gregory (2011), no texto “Representações de Natureza na Fronteira”, discute a integração dos sertões do Paraná ao Brasil por meio das ferrovias e das vias fluviais, trazendo destaque ao elemento água, por ele entendida como transporte, como comunicação, como escoamento, como atração turística, como limite territorial, como potencialidade de cultivo agrícola. E, pode-se acrescentar, a água como comida, água como alimento, água como vida, água de cozer, água de beber. Nas águas ocorrem vivências e ocorrem também contravenções. Água como caminho do ir e vir, água do contrabando, água como contrabando, água contrabandeada. E a água é assumida como meio de labor e de subsistência dos pescadores.

Fundamentam-se nesses entendimentos alguns motivos que fazem o Oeste do Paraná ser reconhecido pela força das suas águas, afinal Foz do Iguaçu é um município de economia turística em razão das suas águas: as Cataratas do Iguaçu, a Usina Hidrelétrica de Itaipu, a Ponte da Amizade (que liga Foz do Iguaçu ao Paraguai) que passa acima do Rio Paraná, a Ponte Tancredo Neves (que liga Foz do Iguaçu à Argentina), que passa acima do Rio Iguaçu, o Marco das Três Fronteiras, cujo cenário é a confluência, o encontro dos dois rios, Paraná e Iguaçu, e dos três países, Brasil, Paraguai e Argentina.

Certamente, a imagem vinculada à localidade tem relação direta com a água, a nascente, a correnteza, a passagem, a paisagem, os rios, os cenários, os registros, a beleza da natureza e a ousadia das mãos humanas interferindo no caminho original das águas. Assim, é difícil pensar em Foz do Iguaçu, sem uma foz (palavra originária do latim, que significa “passagem estreita”, e utilizada para designar o local onde um corpo de água fluente desemboca em outro) e sem uma iguaçu (em tupi-guarani, “iguaçu” significa água grande).

Foz do Iguaçu não é apenas uma tríplice fronteira, mas uma zona fronteiriça onde se estabelecem não apenas fronteiras físicas dos três países e de suas três águas: Rio Paraná, Rio Iguaçu e Lago de Itaipu; mas de grupos sociais, como árabes-mulçumanos, árabes-cristãos, paraguaios, argentinos, chineses, brasileiros de diversas localidades, iguaçuenses, entre tantos outros; comerciantes do Paraguai, comerciantes do Brasil, professores, ex-barrageiros, funcionários da Itaipu, pescadores e demais profissionais do município. Parte-se da concepção de uma múltipla fronteira, em que aquilo que é esporádico em outros territórios aqui se torna rotina. E o cotidiano desses outros territórios se torna exceção.

Este capítulo é um recorte de uma pesquisa sobre memórias de pescadores de Foz do Iguaçu e suas vivências, fronteiras e comportamentos alimentares. Será discutida uma das linhas que derivou desta pesquisa maior, sendo: narrativas sobre a distinção entre o pescador de ontem e o de hoje, histórias sobre o contrabando nessas águas e relatos sobre a obtenção de alimentos na fronteira em tempos anteriores. Assim, esta pesquisa aborda o cotidiano de um território de fronteira e seus possíveis conflitos resultantes deste processo, o desenvolvimento de um grupo social frente às inevitáveis adaptações, às relações de trabalho típicas da região e culminando em relações com os países vizinhos.

Defensor do estudo do cotidiano, Certeau (2007, p.109, grifo do autor) diz que: “As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar, e que, a título provisório, pode ser designado como o dos *procedimentos*. São esquemas de operações e manipulações técnicas”. Partindo dessa perspectiva certauriana pode-se afirmar que este estudo é dedicado às práticas cotidianas dos pescadores no âmbito da pesca, do contrabando e da alimentação. São esquemas de operações das vivências do cotidiano.

Os registros e discussões da obtenção de alimentos nas outras margens, através

de narrativas de pescadores de Foz do Iguaçu, ocorre em um determinado momento histórico: antes da construção da Usina de Itaipu e antes da existência das pontes Amizade e Fraternidade, que ligam respectivamente Paraguai e Brasil e Argentina e Brasil.

Evidencia-se as adversidades enfrentadas pelos moradores deste território fronteiriço no final do século XIX e início do século XX, que perdurou nas décadas seguintes e que envolveu a dificuldade de aquisição de produtos em Foz do Iguaçu, surgindo a prática de troca e escambo em territórios paraguaios e argentinos. Estas práticas ocorreram com vistas à sobrevivência em um território pouco habitado e que foi responsável por moldar as dinâmicas fronteiriças locais.

Neste texto, foram trabalhadas nove entrevistas, que foram gravadas, transcritas e analisadas no decorrer desta escrita, possuindo autorização de Termo de Consentimento para a utilização dos dados. A disposição em que foram apresentados não indica o grau de importância dos mesmos, mas a ordem cronológica das entrevistas. Assim, os entrevistados foram Seu João, Iracema, Cecílio, Maria das Graças, Gabriela, Popeye, Coelho, Chico Barbudo e Seu Valdemar.

2 | METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado neste trabalho busca interpretar dados obtidos através das narrativas de pescadores, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Este pode ser visto como um método de pesquisa que busca conhecimentos sobre o passado, não sendo “um fim em si mesmo, e sim um meio de conhecimento” (ALBERTI, 2005 p. 29), para a investigação que se pretende realizar. Além de se embasar em Ginzburg (1989) e seu método indiciário para olhar para as fontes e as narrativas e encontrar resquícios, traços e rastros que compuseram esse capítulo.

As entrevistas com pescadores e ou familiares, dispuseram da elaboração de um roteiro prévio que consistia em perguntas abertas, evitando induzir as respostas para uma tendência ou outra, esquivando-se, conforme orienta Thompson (1992, p.262), de: “[...] perguntas que levem os informantes a pensar do modo que você pensa, e não do modo deles”. O primeiro momento pode ser denominado de identificação, onde as perguntas solicitavam nome, idade, local de nascimento e época de chegada a Foz do Iguaçu. Então seguiam duas perguntas norteadoras sobre pesca e comportamentos alimentares.

No analisar das entrevistas, o trabalho contou com bibliografia sobre os temas, trazendo à mesa, desta simbólica refeição intelectual, discussões de autores voltados às temáticas propostas.

3 | PRÁTICAS DO COTIDIANO NAS ÁGUAS DE FRONTEIRA

3.1 Os entrevistados

João Aparecido Sacoman ou Seu João, veio de Pacaembu-SP em 1987, se tornou pescador depois da sua chegada a Foz do Iguaçu.

Cecílio Panstein Filho e Maria das Graças Ramos da Cruz Panstein chegaram casados na região em 1989 e já pescavam.

Iracema Berlanda de Andrade, viúva do pescador Aristeu Matos de Andrade, é natural de Veranópolis-RS e chegou em Foz do Iguaçu em 1961.

Gabriela Cichorsti, natural de Rio Negro-PR, chegou a cidade em 1991. Ela e seu esposo pescavam em Guaíra, com os dois filhos, antes da inundação das Sete Quedas.

Moacir Zimmerman ou Popeye é natural de Chopinzinho-PR e chegou a Foz do Iguaçu quando tinha cinco anos, em 1959.

Antônio de Souza ou Coelho, é natural de Avanhandava-SP, chegou em Foz para trabalhar no canteiro de obras da Itaipu.

Francisco Dodato Ferreira ou Chico Barbudo chegou à localidade em 1974, instalando-se na Nova Carimã, que era Foz do Iguaçu na época.

Valdemar Tozzi ou Seu Valdemar, nascido em Pompeia-SP, chegou a Foz do Iguaçu em 1978, para trabalhar no canteiro de obras da Itaipu.

3.2 O pescador: ontem e hoje

A alteração no cenário pesqueiro, indo da abundância à escassez, da matança (palavra designada por Popeye) à pesca aleatória por falta de opção ou a produção de peixe, é explícita nas narrativas de todos os nove entrevistados. Cada um à sua maneira, registra a mudança no cenário, e a escassez de peixes nas águas destas fronteiras. Com a constatação da escassez de peixe, ocorreram adaptações dos que viviam da pesca. As imagens do pescador de antigamente e do novo pescador passam por um processo de mudanças e — porque não dizer? — por uma fronteira humano-simbólica entre as memórias de passados diversos e/ou as sombras desses mesmos passados, o pescador de ontem e o pescador de hoje, o velho pescador e o novo pescador.

Como pode ser observado nas entrevistas, antigamente o pescador e sua família podiam sobreviver do peixe, como é o caso de Cecílio, que destaca a importância da atividade pesqueira para a família: “Nós sempre tivemos fartura de peixe. Se você olhar umas fotos nossa, a gente sempre está mexendo com peixe. Dificilmente vai ter uma foto que a gente está fazendo um churrasco, uma costela, a maioria das vezes era peixe mesmo” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014).

Tedesco (2011, p.145), que discute memórias e fotografias, diz: “A imagem é discurso, é poética, é ilustração, vestígio, narrativa, representação e lembrança”. E

então cabe questionar: — Essa imagem é o discurso, a poesia, a ilustração, o vestígio, a narrativa, a representação e a lembrança de quem? Este é o centro da discussão, pois o olhar para a fotografia deve suplantar o visível e tentar dimensionar a intencionalidade do registro: — O que o fotógrafo ou o fotografado queria representar/idealizar com aquela foto? — O cotidiano ou o extraordinário? — O real ou o imaginário?

A imagem reforça a visão de mundo do entrevistado como pescador e aparenta testificar a sua narrativa em relação ao seu cotidiano na atividade pesqueira. Ainda sobre a foto, Cecílio compartilha que a Kombi, carro que aparece ao fundo da foto, foi adquirida logo que chegaram a Foz do Iguaçu: “Foi nosso primeiro meio de locomoção, a Kombi laranja. Nós enchíamos ela de colchão, colocávamos as tralhas de pesca, e o acampamento nosso era ali” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014). Pode-se supor que a Kombi também possa estar na foto de família propositalmente, representando a conquista da família na aquisição, o meio de transporte e os tempos de pescarias nas barrancas do rio.

Cecílio continua: “E tudo que a gente conseguiu, foi trabalhando com peixe. Eu construí uma casa, foi toda construída com peixe. Minha mulher fala que é tudo pacu, que a gente empilhou ali” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014). Na fala fica nítida a informação de que a família vivia do peixe.

Já Seu João relata as dificuldades de viver da pesca. Ele diz que antigamente ainda era possível sobreviver somente com a pesca, mas que hoje, uma pessoa sozinha não consegue se manter financeiramente só com a pesca. Por outro lado, ele relata que as condições de trabalho melhoraram, pois tem mais conforto e energia elétrica. Então, neste quesito a situação melhorou. Ele ainda relata que o pescador tinha que pagar energia para os vizinhos para deixar o peixe armazenado ali.

Se as condições de trabalho melhoraram, pelo menos em relação à energia, a escassez de matéria-prima continua dificultando a vida dos pescadores. Seu João continua dizendo que: “Teve mês que eu não tirei duzentos contos em peixe. Teve mês que eu não tirei isso. Eu fiquei quinze dias sem pegar um quilo de peixe, com mil metros de rede na água” (SACOMAN, 2014).

Reforçando a situação da atividade pesqueira, Popeye conta que: “Hoje, se o pescador profissional for depender da pesca, ele morre de fome” (ZIMERMAN, 2014). O pescador conta que dos anos setenta a noventa foi pescador profissional, inclusive com carteira profissional. Porém, chegou nos anos noventa ele percebeu que não dava mais para viver da pesca e foi fazer um curso na Marinha. Ele foi marinheiro fluvial, trabalhando no Macuco Safari e até na Argentina, chegou a completar vinte e dois anos de Parque Nacional.

Popeye oferece indícios de que a profissão não passa por bons momentos, haja vista sua afirmação de que, atualmente, o pescador profissional não consegue viver exclusivamente da pesca. Pode-se fazer um paralelo com a questão das fronteiras físicas, pois o pescador afirma que trabalhou no Macuco Safari na Argentina. De nacionalidade brasileira, morando em território brasileiro, mas exercendo sua atividade

profissional além das fronteiras nacionais. Destaca-se que há fronteiras físicas nessas memórias. Voltando à questão inicial, se o pescador deixou a profissão por falta de matéria-prima, isso não se pode dizer de sua esposa Tiana, que é pescadora profissional há mais de vinte e cinco anos. “Ela continua com a documentação tudo em dia, tudo certinho. Mas de vez em quando, quando é época, que está liberado, ela abre uns espinhelzinhos, espinhel, redinha, pega uns peixinhos, né. É para dizer que eu pego peixe também” (ZIMERMAN, 2014).

Verifica-se que, apesar de não exercer mais a pesca profissionalmente, para Popeye, a atividade pesqueira vai além de uma função profissional e pode ser enquadrada no âmbito da prática como forma de esporte, distração, lazer, *hobby* ou para passar o tempo.

Cecílio fez a carteira em 1993 e, de lá para cá: “A gente foi migrando, então no Paraná, parou de dar peixe, nós resolvemos pescar mais para baixo, lá na Argentina. Mas lá era muito perigoso, aí abandonamos lá e subimos novamente. Aí fomos para o lago” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014). Nota-se que essas mudanças ocorreram em decorrência de busca de melhores condições de pesca. Ainda se percebe a figura do Outro, do argentino como um ser perigoso. Sutilmente aparece a fronteira física delimitando e influenciando o cotidiano e a atividade pesqueira. Conforme Maria das Graças confirma, eles foram mudando sempre atrás de melhoria, procurando mais peixe. Essa associação da migração à procura de algo melhor, pode ser visto em Nadalin (2001).

Cecílio continua dizendo que já sabia que a profissão estava em decadência, e compara o pescador ao madeireiro: “O madeireiro tira madeira. Você não vê mais madeireiro, acabou. É uma profissão que existia, mas acabaram as serrarias” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014). E o pescador afirma que sua profissão está no mesmo caminho: “Se o pescador não tiver uma reprodução de peixe para se manter, extrativo não vai muito tempo mais. Porque na natureza tudo o que você extrai, extrai e não repõe, acaba” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014). E ele ainda continua: “Então, eu como pescador, estou em uma fase assim, eu estou pescador e estou pescando, tenho minhas redes, barco, tenho tudo ali. Quando está na época, eu estou na ativa, mas percebo que a função está cada vez mais imprópria (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014).

Nestes relatos o pescador demonstrou sua percepção de que a profissão está em declive, em decadência. É singular, no discurso de Cecílio, sua autoimagem, afinal, ele não diz “Eu sou pescador”, mas “Eu estou pescador”. Uma mudança de verbo tão sutil, mas carregada de significado, pois, afinal de contas, o “estar” demonstra que ele está na condição de, e não que ele é. Vale acentuar que, em momentos posteriores, ele retoma a fala com “Eu sou pescador”.

Diante do exposto começa a surgir o pescador-produtor, o aquicultor, como ele mencionou, o pescador-empendedor, o pescador-apicultor, o novo pescador associando a pesca a outra função. Cecílio mesmo relata que ele comprava peixe

de Entre Rios do Oeste e revendia em Foz do Iguaçu. Outra pescadora que relatou a compra de pescado dos pescadores para revender ao consumidor final ou no comércio foi Gabriela. Esses pescadores deixaram por alguns momentos a barranca do rio ou a margem do Lago e começaram a trabalhar como intermediários.

A produção de peixe pode ser entendida como uma alternativa dos pescadores inseridos no sistema econômico, em conseguir maior renda e produtividade, isso com menor esforço de trabalho, com menos dependência da natureza, com mais recursos financeiros e com mais segurança do recebimento de capital. Por outro lado, como lembra Diegues (1983, p.201): “Esse feixe de conhecimentos, que identifica o *métier* do pescador artesanal, vai se perdendo à medida que, por uma razão ou outra, ele é obrigado a embarcar como simples tripulante de um grande arrastão”. A situação que Diegues estava analisando era outro cenário, mas pode-se fazer um paralelo, à medida que o pescador artesanal deixa seu ofício para se tornar aquicultor, com tanques-rede, esse *métier* artesanal vai se perdendo. São outros conhecimentos, outras técnicas, que ainda estão sendo desenvolvidas, como lembra Seu João, posteriormente.

À vista deste cenário de dificuldades econômicas, para aumentar a renda, Chico Barbudo começou a criar abelha para a comercialização do mel: “Todo mundo me viu ganhando dinheiro com as abelhas, e foram atrás. Hoje todos os pescadores do ponto sete criam abelhas lá no ponto de pesca. O pescador com menor produção tem vinte caixas” (FERREIRA, 2015). E ainda afirma que atualmente o mel está dando mais dinheiro do que a pesca. Nessa frase fica explicitada a realidade de que está se tornando inviável o pescador profissional viver do pescado, sendo necessários complementos da renda.

Cecílio traz para a conversa um debate interessante sobre a figura simbólica do pescador da beira do rio, que só vive da pesca. Segundo este pescador, essa é uma figura praticamente lendária, porém se pode recordar que entre os entrevistados está Seu Valdemar, que ainda vive somente da pesca na beira do rio e da aposentadoria adquirida na mesma atividade.

Antigamente tinha uma mentalidade de quem era o pescador. Era o analfabeto, era uma pessoa que não tinha nada de instrução. Essas pessoas praticamente não existem. Eu sou pescador, mas eu tenho minha propriedade, tenho meus carros, tenho que pagar IPVA, tenho propriedade na cidade, pago IPTU, tenho que me manter, tenho que ter um nível assim, que quando eu vou sair, eu não posso sair como um pescador. Eu não posso sair desse jeito aqui (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014).

Uma questão a ser salientada é a fala que não pode “sair desse jeito” do seu espaço. Apesar de não ter dito a palavra cidade, centro ou comércio, supõe-se que o pescador estaria se referindo a tais locais e, como tal, reforçando a fronteira entre o ambiente do pescador e a cidade, a fronteira simbólica entre o centro da cidade e suas periferias e margens, e seus personagens, que se esforçam para se enquadrar em um discurso e uma imagem preestabelecida. Ainda falando sobre o pescador da beira de rio:

O pescador é a primeira e a última classe de pessoa. A primeira classe que tem é o pescador, porque foi a primeira profissão que existiu. E é a última profissão. Quando o cara não tiver mais nada para fazer, ele vai para a beira do rio, ele pega um peixe e não morre de fome. Então, essa é a primeira e a última. Pode ter certeza que quando a pessoa não tiver nada, nada, nada para fazer, ela vai para a beira do rio (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014).

Ainda que Cecílio não retratou explicitamente a isso, reforça-se a diferenciação entre o pescador do lago e o pescador da beira do rio, pois o pescador da beira do rio, o pescador do barranco, é esse pescador simbólico que Cecílio relata em suas falas. Já o pescador do lago é o pescador-produtor, é o pescador que tem propriedades e que está cultivando peixe, porém essa não é sua única fonte de sustento. Essa alteridade entre o pescador do lago e o pescador do rio se torna uma fronteira entre pescadores com estilos e manejos de práticas pesqueiras diferentes entre si. Há um intercâmbio social, político e cultural, que coopera para integrar o processo de distinção entre o “eu” e o “outro”, concebendo a alteridade e definindo a sua concepção (MARTINS, 1997). O autor indica que o contato com o Outro faz que o Homem se redescubra e assuma a sua posição real, positiva ou negativamente. No caso dos pescadores na zona fronteira, esse confronto em relação ao Outro é um momento de descoberta e de organização social do seu grupo frente ao estranho. Fica então explícita a fronteira humana entre o pescador da beira do rio e o novo pescador e ou pescador do lago.

Coelho reside há quatro anos no ponto de pesca do Alto da Boa Vista, com mais oito pescadores. Ele se mudou para essa área quando surgiu o projeto da Itaipu “Mais Peixes em Nossas Águas” cujo objetivo que era fomentar a produção de peixe através do sistema de cultivo de tanques-rede. Coelho enfatiza que o Lago de Itaipu não oferece sustentabilidade na atividade pesqueira e que muitos acabam se apoiando nos seguros e nos benefícios para conseguirem se manter. E continua: “Se fosse para eu viver, tem dia que se você for esperar um peixe para comer, você passa fome” (SOUZA A, 2014). O não-pescador ainda detalha que, para produzir peixe, é necessário ter recurso financeiro e investimento, ou seja, é literalmente “jogar dinheiro na água”. Coelho conta que alimenta os peixes com três sacos de ração por dia, somando aproximadamente duzentos reais por dia, assim ele diz que tem que acreditar no projeto e trabalhar muito. Atualmente seu filho, Estevam, tem um abatedouro e peixaria, legalizado pela prefeitura, em sua residência na Vila C, onde comercializa os peixes cultivados.

Seu João também trabalhou com tanque-rede e, inclusive, estava no começo da implantação do projeto. E conta detalhes sobre esse período: “A Itaipu veio com o projeto dela de tanque-rede, só que nem a própria Itaipu sabia como manusear os peixes. Eles falaram em uma reunião na Colônia de Pescadores: o peixe é igual porco, lá você joga abóbora, mandioca, batata, abacate. Vocês criam o peixe desse jeito. Não precisa nem esquentar a cabeça. Lá no mato vocês já têm isso” (SACOMAN, 2014).

Como não se obteve sucesso com essa tentativa, os técnicos da Itaipu sugeriram alimentar os peixes com um sopão composto de soja, milho e quirera. O pescador

afirma que tem foto desse processo e dele fazendo o tal sopão. Porém, após dois anos e três meses, a produção de peixe em tanques-rede estava dando mais gasto do que lucro, e ele acabou por desistir do projeto: “Eu não quero mais mexer com peixe. Eu peguei uma raiva” (SACOMAN, 2014).

Cecílio, que hoje conta com quinze tanques-rede, acrescenta que: “A relatividade da coisa é outra. Nós migramos para o tanque-rede para ver se melhora um pouco o orçamento. Para ver se diminui um pouco o gasto com a pescaria de rede” (PANSTEIN FILHO & PANSTEIN, 2014).

Chico Barbudo diz que: “Quem acaba com a natureza é o próprio homem” (FERREIRA, 2015), e completa: “No lago dá peixe, agora se a pessoa não tem coragem de pescar, ou não sabe pescar, ou não tem material, aí não pega mesmo. O peixe tem que correr atrás dele. Não vai pensando que o peixe vai ficar lá parado esperando ele chegar, não” (FERREIRA, 2015).

Neste relato o pescador ressalta a importância e o domínio da técnica da pescaria para se obter sucesso na prática. Complementando a fala do Chico Barbudo, para Seu Valdemar, existe muita diferença entre a atividade pesqueira praticada anteriormente e a atual, e diz que como hoje tem mais poluição, o pescador tem que possuir mais material de pesca do que antigamente.

Consentindo, Gabriela reforça a importância do conhecimento técnico da pesca. A pescadora dá um exemplo prático e diz que se a pessoa não sabe o local correto para peixe e não sabe utilizar o material, ela terá dificuldades na pescaria. Ela ainda menciona que tem um local específico para pegar piapara, que só seu marido, Paulo, sabe onde é: “Ninguém mais sabe, aí ninguém pesca” (CICHORSTI, 2014). Salientando a importância do conhecimento técnico, ela relata sobre seu filho Márcio: “O Márcio, que não enxerga, foi pescar com um piazão. Aí eles armavam espinhel, eles pegaram armado, ele não enxerga, mas ele isca, e tira o peixe do anzol. Com espinhel, e o outro só maneja o barco. Então, aí, eles pegaram um armado de dez quilos, coisa mais linda. Só que para isso tem que saber” (CICHORSTI, 2014). Nesse simples exemplo, Gabriela mostrou que o conhecimento da técnica supera a deficiência visual do Márcio, o pescador-cego, que conseguiu capturar o peixe. Para Diegues (1983, p.198): “O centro desses conhecimentos não se situa no fazer enquanto tal, mas, sobretudo, no conhecer”. Conhecer o peixe, as águas, o barco, a técnica, o espinhel, dominar ao ponto de fazer de olhos fechados ou mesmo sem enxergar.

O pescador de hoje se adaptou às novas circunstâncias da diminuição do pescado e da conseqüente baixa no comércio. Reforçam-se as tentativas de mudança da pesca para a produção de peixe em tanques-rede, a produção de mel como forma de aumento de renda e até mesmo o abandono da profissão. Enfatiza-se o pescador de ontem, como o pescador simbólico, que só vive da pesca, opondo-se ao pescador de hoje, esse ser adaptado e com desdobramentos de funções, para conseguir ter melhor padrão de vida. Ressalta-se que ainda existem os pescadores de ontem, como Cecílio denomina, que foram entrevistados nesta pesquisa.

3.3 Narrativas de pescador sobre contrabando

Entre ditos e não ditos dessas narrativas há um ponto que faz parte dessas águas em particular, que foi um assunto superficialmente falado, o contrabando. Foz do Iguaçu e o contrabando são palavras que parecem termos sinônimos, termos que andam juntos, um estigma na alma do município. Em um levantamento sobre a formação econômica e social de Foz do Iguaçu realizado por Aparecida Darc de Souza, podem-se encontrar respostas para essas inquietudes, conforme relata:

Somente por meio do contrabando, ou seja, da compra de produtos estrangeiros sem pagamento de taxa de importação, era possível abastecer a população que vivia nos limites da colônia. Vista deste ângulo, a compra de produtos que vinham da Argentina e do Paraguai, tal como era realizada pelos moradores locais, antes da fundação da colônia, passara a ser caracterizada como contrabando (SOUZA AD, 2009, p.161-162).

A prática do comércio entre cidades, em busca de abastecimento, é algo intrínseco na história do surgimento dos burgos, das vilas e dos municípios. Faz-se um questionamento: — Se não houvesse outros países envolvidos, outras fronteiras, essa prática, ao invés de denominar-se contrabando, seria algo como política de desenvolvimento regional? Essa foz, esse caminho estreito, não nasceu ilegal, mas se tornou ilegal a partir do estabelecimento dos Estados nacionais e suas fronteiras e a consequente instituição da legislação, o que criou o: legal e ilegal, morador e contrabandista, passagem e contrabando, pescador e contrabandista...ruminares.

A existência do contrabando nessas águas é fato. Quando se julgar necessário, não serão evidenciadas as fontes que narraram sobre essa questão, visando à preservação da imagem desses pescadores, e evitando a sua exposição a possíveis retaliações.

Os moradores da beira das águas contam algo a respeito. O primeiro a falar dessa relação foi Popeye, que relata que o primeiro contrabando na fronteira era do café brasileiro que entrava no Paraguai rumo à outros países, e não o oposto que ocorre atualmente, ele citou inclusive o IBC, o Instituto Brasileiro do Café, que era o órgão que fazia as apreensões. Esse contrabando inverso, do Brasil para o Paraguai, também pode ser encontrado em Souza AD (2009), que traz diversos depoimentos sobre esse tipo de contrabando na fronteira, no final da década de sessenta.

É interessante salientar que Popeye e Iracema relatam, como será visto posteriormente, compras de produtos alimentícios na Argentina, porém de modo algum mencionaram essa como uma prática ilegal ou de contrabando. Então: — Qual seria a definição de contrabando? — Será que em quantidades maiores é contrabando, e quando se trata de uma quantidade mais restrita se encaixa como contrabando também? Souza AD (2009, p.171) define bem essa negociação entre Argentina e Paraguai: “Os relatos dos trabalhadores sugerem que o contrabando realizado na fronteira com a Argentina ocorria para atender às demandas de moradores e do comércio local de Foz do Iguaçu”. A autora afirma que: “Contudo, esse sentimento não acompanhou suas

narrativas, quando o assunto envolvia o contrabando de mercadorias na fronteira com o Paraguai” (SOUZA AD, 2009, p.172). Assim, fica implícito que a comercialização entre Brasil e Argentina era menos ilícita e menos ilegal do que entre Brasil e Paraguai — um jogo de negociações.

O contrabando pode também alterar o fluxo das pessoas. Cecílio lembra que ele e a família moravam na beira do lago em Santa Helena, onde havia uma rampa de acesso ao lago, e que só se mudaram para Foz do Iguaçu porque essa rampa foi fechada por conta do contrabando.

Sobre o contrabando, outro pescador foi enfático em abordar o assunto:

O contrabando desse Lago fedia. [risos] O contrabando de carro, de tudo que era bagulho, passava direto, dia e noite. Eu, graças a Deus, chegava a polícia atrás dos caras que roubaram uns carros, e passaram para o outro lado. Ah não sei, não vi. Fecho meu barraco, entro para dentro e acabou. Se eles viam uma rede do pescador, chegavam até parar o motor para desviar. Eu vou dedurar uns cara desses? Dedurar é a morte (ANÔNIMO).

Lago fede...contrabando, carro, bagulho, dia, noite, Deus, polícia, caras, roubo, outro lado, fecho o barraco, rede, barco, pescador, motor, dedurar, morte...eis aí uma rotina da fronteira. Sobre o contrabando no Lago, pode-se verificar que, em alguns momentos, ele utiliza os verbos no passado, mas em outros, como no caso “fecho” e “entro”, ele se utiliza do tempo verbal no presente, ficando implícita a informação de que isso ainda acontece presentemente. Aqui aparece uma cumplicidade entre contrabandistas e pescadores, como que em um código sem fala, em que cada um sabe a sua profissão, função e papel social. Afinal, havia um respeito para com o pescador, já que chegava a desligar o motor para não pegar na rede do pescador. Trata-se de uma relação de confiança mútua e de amor à vida, já que dedurar é a morte.

Em outras entrevistas houve relatos sobre abordagens truculentas por parte de autoridades a possíveis pessoas envolvidas no contrabando, em contrapartida o respeito para com o pescador, pois as autoridades já os conhecem. Há outras falas que deixam escapar a cumplicidade do contrabandista e do pescador. Cada um com a sua profissão. Alguns trabalham com peixes outros com produtos, mas ambos dependem das mesmas águas para seu sustento...águas que guardam segredos e os levam na correnteza.

Trago Eric Cardin, que estuda as dinâmicas sociais nessa região de fronteira, e que, em um dado momento, utiliza termos gastronômicos para tecer esse contexto: “A fronteira se apresenta como um imenso caldeirão, de conteúdo denso e quente, onde borbulham interesses e temperos diferentes, onde os aromas se misturam, resultando em uma realidade ímpar” (CARDIN, 2012, p.208). Então, a fronteira é simbolizada por um caldeirão, um caldeirão de pessoas, de profissionais, de famílias, de ideias, de conceitos, de preconceitos, de costumes, de tabus, de legalidades, de ilegalidades, de práticas cotidianas, de laços, de deslaços, de encontro e de desencontro. Assim, a fronteira é o rescaldo metafórico de um caldeirão forte, com sustância, às vezes

amargo, outras salgado, algumas azedo, e até — porque não? — um caldeirão doce. Depende de quem o degusta, do que degusta, de como degusta e de com quem degusta.

3.4 Comida na fronteira em outros tempos

As fronteiras que circundam o cotidiano destes pescadores ou de seus familiares, foram sendo identificadas no decorrer de suas narrativas também no campo alimentar. Nas entrevistas de Iracema e Popeye, os entrevistados mais antigos da região, aparecem a prática de compras e/ou escambo de produtos nos dois países vizinhos (STEFANUTTI; WELTER; GREGORY, 2017).

Popeye relembra que sua família criava porco e galinha, e que trocavam em território argentino por farinha, azeite, alho, *grasa* bovina (em espanhol significa gordura) e *galleta* (em espanhol significa bolacha e/ou biscoito). Ele relata sobre o cotidiano dessas trocas de produtos em território argentino: “Era só chegar e entregar. E lá mesmo já pegava os produtos, nós chamávamos de provista, vamos trazer a provisão. A provista era o rancho na época” (ZIMERMAN, 2014). Essa frase foi dita com um sorriso no rosto, como se estivesse vendo, sentindo aquela sensação novamente, sensação de felicidade, de encher a despensa, e garantir a sobrevivência da família.

Para esta discussão dialoga-se Cascudo (2004, p.418), que diz: “A provisão alimentar é um hábito decorrente do inverno. Os animais guardadores de reservas pertencem aos países frios”. Tem-se que este hábito não foi herdado dos indígenas que tinham a concepção de caça e pesca para o sustento diário não necessitando armazenar e fazer estoque alimentar. *Provista*, denominação referida por Popeye possivelmente foi um neologismo criado para esta prática, não sendo encontrado em nenhuma bibliografia específica da área. Mais adiante Popeye conta que a *grasa* vinda da Argentina, era muito utilizada para fazer o reviro, que é uma comida paraguaia.

E o reviro é uma comida substanciosa, se comer ela hoje cedo, por exemplo, você vai varar o dia e não vai ter fome. Ela é feita de farinha de trigo. É o reviro de farinha de trigo, ela vai ovos, e vai essa *grasa*, então ela fica firme, dá uma sustância. Não é o reviro de feijão. (ZIMERMAN, 2014).

Tal como Popeye, Iracema lembra que fazia compras/escambo na Argentina. Eles levavam ovo e galinha e trocavam por farinha, azeite, conservas, azeitona, doces, pickles, “aqueles doces marron-glacé, aquelas latonas assim, era tudo muito fácil, as coisas lá” (ANDRADE, 2014). Ela conta da prática de chegar em território argentino. Lembrando que a Ponte Internacional da Fraternidade ou Ponte Tancredo Neves (Ponte que liga as cidades de Foz do Iguaçu-Brasil a Puerto Iguazú-Argentina) é de 1985.

Tinha um porto, que vai pelo Porto Meira, que era o porto de travessia da balsa. Era tudo de balsa, era um sofrimento tão grande, meu Deus do céu. Eles revistavam naquela época já, era meio reservado as coisas. De lá pra cá [Da Argentina para o Brasil] principalmente, aqui não revistavam, aqui não tinha nada. Agora de lá, sempre foi um pouquinho mais seguro, eles olhavam, o que a gente trazia, mais

nunca tomaram nada, era livre. Também a gente trazia tanta coisa nas costas, eu não trazia farinha, porque farinha tinha que trazer bastante, porque a gente gastava bastante, mas eu trazia latas de conserva, de tudo que era porcariada, porque era muito barato, então a gente trazia tudo o que era tipo de coisa, né, mas aquilo pesa, né? Não dava para trazer muita coisa, eu era magrinha (ANDRADE, 2014).

É interessante destacar que o lado de lá, o lado do outro, era quem dificultava, revistava, olhava, sem tomar nada, porém trazendo uma sensação de incomodo e segurança na mesma fala. Inteira-se a fala de Iracema com a ideia de Martins (1997, p. 150-151): “Na minha interpretação, [...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular”. Para o autor, é também encontro, conflito e desencontro. Ou como pode ser observado nas narrativas descritas acima, a passagem entre um país e outro, gera o desencontro no discurso entre nações, que por alguns instantes estão no local do encontro, das águas, da fronteira, da alteridade. Martins ainda completa que a fronteira é “[...] essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro”.

A facilidade, e/ou não, de ir e vir, daquele tempo, traz boas recordações à entrevistada, como as compras no Paraguai. Porém as compras não eram feitas em Ciudad del Este, cidade conhecida atualmente como centro de compras, mas sim em Hernandarias, passando o rio de canoa. Ela nomeia dois produtos principais comprados em terras paraguaias, a carne bovina e *galleta*. Sobre esse período ela recorda do dia do nascimento do primeiro filho em solo iguaçuense, em que existia a recomendação que durante a dieta da quarentena, a mulher não poderia comer peixe. Então o esposo foi até Hernandarias, e foi lá buscar *galleta*. “Nasceu o nenê de manhã cedo e esperei até de tarde para comer, porque não podia comer outra coisa. [ela soltou uma gargalhada]. Era a quarentena, era um suplício” (ANDRADE, 2014).

No meio rural era muito comum, o resguardo da mulher, com diversas normas, entre proibições e recomendações. Cascudo (2004, p.652) já menciona a prática: “A tradição antiga fazia consistir o resguardo em alimentação exclusiva de galinhas. Era costume português. [...] O resguardo correspondia a uma dieta alimentar fixa, com a obrigatoriedade da observação fiel”.

Ela conta que demorou um tempo até comprarem a primeira vaca leiteira, que ocorreu quando já tinham quatro crianças entre seus filhos e de suas irmãs:

Tinha que buscar uma vaca pra tratar de todas essas crianças, foram lá no Paraguai, compraram uma vaca e trouxeram a nado no Rio Paraná. Ela passou nadando, sim senhora. A vaca, eu queria ter foto, para registrar essas coisas. O nome dela era, Princesa ou Mansinha, uma coisa assim. Eram duas que nós tínhamos depois. Mas daí essa vaca é que nem a história da Santa Genoveva. Alimentou todos os filhos, nunca parava de ter leite [risos, lembrando dos tempos antigos] (ANDRADE, 2014).

Nesta fala ainda se constata a fotografia como sendo registro da veracidade dos fatos, e como facilitador de ativação da memória, de relembrar os fatos ocorridos. Faz-se um paralelo com Tedesco (2011, p.146) que diz que: “As imagens representam fragmentos de momentos de vida, de sua compreensão das coisas, do mundo, seus imaginários e representações, suas produções e idealizações”. A imagem que Iracema

gostaria que tivesse sido registrada reforçaria a atípica narrativa da travessia do rio a nado da vaca.

Ainda neste contexto de memórias alimentares envolvendo as fronteiras Iracema relata que, quando o sogro que morava em Santa Catarina, vinha visitar a família em Foz do Iguaçu, eles tinham que ir até o Paraguai e trazer um pardo ou em português um veado. Eles prepararam pastel de carne de veado, com o pernil do animal.

Nesta narrativa a entrevistada levanta outra questão: a carne trazida do Paraguai para Foz do Iguaçu. Sendo este ato, um ato ilegal. Porém o que o torna ilegal? Ser abatida em um país e ser consumida em outro? Evidencia-se como a fronteira nacional pode influenciar na alimentação, seja por mudanças de leis que permitam ou não a caça, o abate e a comercialização de determinado animal, ou pela sensação de estar consumindo um produto que veio de outro país. Parece que o pardo do vizinho é sempre mais saboroso. A fronteira como divisor de práticas alimentares, que pode ser transpassada e consumida, uma fronteira comestível, uma fronteira simbólica. Em nenhum momento das entrevistas, foi percebido certa confidencialidade nesses relatos, não sendo percebidos pelos entrevistados como atos ilícitos ou proibitivos. É natural, é fronteiriço, é cotidiano (STEFANUTTI, 2015). Conforme completa Martins (1997, p. 12):

É na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem. É lá que melhor se vê quais são as concepções que asseguram esses processos e lhe dão sentido. Na fronteira, o Homem se encontra – se desencontra.

Ao contrário do que se pode supor, morar e viver em uma zona de fronteira, não é sinônimo de acesso às relações fronteiriças e circulação livre pelos países vizinhos. Neste contexto, pode-se dialogar com Myskiw (2005, p.227): “A visão daqueles que dela [fronteira] vivem próximo é muito diferente daqueles que vivem longe da mesma.” Tendo uma relação direta com o imaginário simbólico de que todo morador atual usufrui da fronteira da mesma maneira.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações no cenário pesqueiro com a diminuição de peixes, as narrativas sobre a distinção entre o pescador de ontem e o de hoje, histórias sobre o contrabando nessas águas e relatos sobre a obtenção de alimentos na fronteira em tempos anteriores foram os indícios levantados no cotidiano destes pescadores a partir do recorte realizado de entrevistas concedidas. E as discussões sobre o cotidiano de um território de fronteira, a partir de um grupo social e seus possíveis conflitos, às relações de trabalho típicas desta região são as contribuições deste trabalho.

Destaca-se o pescador de ontem, como o pescador simbólico, que só vive da pesca, opondo-se ao pescador de hoje, esse ser adaptado e com desdobramentos de funções, para conseguir ter melhor padrão de vida. Ressalta-se que ainda existem

os pescadores de ontem, como Cecílio denomina, que foram entrevistados nesta pesquisa.

Estudar esses relatos de pescadores, de moradores de Foz do Iguaçu, sem pontes, sem estradas e em um período sem energia elétrica, é entender a própria cidade e como ela e seus símbolos se constituem, além de contribuir para discussões sobre a história da alimentação neste território. As negociações, as entrelinhas, as tensões e as naturalidades.

Com a particularização dessas memórias, narrativas e cenários, espera-se contribuir para as constantes discussões da acadêmica sobre o tema, e demonstrar a interdisciplinaridade – tão aludida e fomentada - em um nível de experimentação, ao não se fixar como uma disciplina, mas sendo um texto construído abertamente, com várias discussões, diálogos e pareceres de autores de áreas distintas.

É relevante pensar a fronteira a partir daqueles que a vivenciam. Muitas vezes as vivências podem revelar o além das teorias. Para eles, a fronteira é o que é sentido, a fronteira é a que existe e interfere em seus cotidianos, em suas rotinas, podendo trazer prejuízos ou benefícios, porém, nesses relatos levantados pelas pesquisas, o que sobressai são as lamentações. Observar a fronteira por dentro das memórias que esses entrevistados quiseram partilhar é uma discussão a ser continuada. Este não é um trabalho encerrado, senão que, ao contrário, apresenta indícios e vestígios para contínua discussão.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

CARDIN, Eric Gustavo. Trabalho e práticas de contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Revista Geopolítica(s)**. 2012, vol. 3, núm. 2, 207-234.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Global, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CICHORSTI, Gabriela. Entrevista concedida em 12/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA, Francisco Dodato. Entrevista concedida em 19/1/2015 a Paola Stefanutti, Santa Terezinha de Itaipu.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- GREGORY, Valdir. **Representações de natureza na fronteira**. Anais do V Colóquio Internacional Cultura e Memória Social. Unioeste — Campus Foz do Iguaçu, 2011.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- MYSKIW, Antonio Marcos. Fronteira. In: Márcia Motta. (Org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba, PR: SEED, 2001.p. 9.
- PANSTEIN FILHO, Cecílio e PANSTEIN, Maria das Graças Ramos da Cruz. Entrevista concedida em 25/11/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.
- SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.
- SOUZA, Antônio de. Entrevista concedida em 22/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.
- SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. 2009. 216f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- STEFANUTTI, P. **Do couvert ao café: pescadores, memórias e comidas**. 2015. 179 f. Dissertação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.
- STEFANUTTI, Paola; WELTER, Viviane da Silva; GREGORY, Valdir. Histórias de Foz do Iguaçu: Aquisição de alimentos além-fronteira. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 21, p. 2-16, 2017.
- TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio-histórica da memória**. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo; Xanxerê, SC: Ed. Universidade do Oeste de Santa Catarina; Porto Alegre, RS: Suliani Letra & Vida, 2011.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.
- ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-018-6

